

ATIVIDADES ALTERNATIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ALTERNATIVE ACTIVITIES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Giuliano Gomes de Assis Pimentel¹

Franklin Castillo Retamal²

Alessandra Vieira Fernandes³

Luana Mari Noda³

Liége Matheus da Silva³

Silvana dos Santos³

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar a inserção de práticas corporais de aventura como atividades alternativas que complementem a Educação Física escolar. Para tanto, nos valem do estudo de caso de dois projetos, um no Chile e outro no Brasil. No recorte foram selecionadas as seguintes práticas: skate, parkour, slackline, escalada, e orientação. Propusemos 06 características ligadas à polissemia das atividades de aventura, que podem ser diferenciadas do ponto de vista filosófico, pedagógico, ecológico, societal, étnico, e estético.

Palavras-chave: atividades de lazer; ensino; atuação profissional.

ABSTRACT: *The objective of this work is to present the insertion of corporal adventure practices as alternative activities that complement Physical Education in School. To do so, we use the case study of two projects, one in Chile and the other in Brazil. In the clipping, the following practices were selected: skateboarding, parkour, slackline, climbing, and orienteering. We proposed 06 characteristics related to the polysemy of adventure activities, which can be differentiated from the philosophical, pedagogical, ecological, social, ethnic, and aesthetic point of view.*

Keywords: Leisure activities, teaching; professional performance

¹ Universidade Estadual de Maringá, membro ativo Grupo de Estudos do Lazer - GEL/UEM. E-mail: ggapimentel@uol.com

² Universidade Católica de Maule, Chile

³ Universidade Estadual de Maringá/União das faculdades metropolitanas de Maringá – Grupo de Estudos do Lazer – GEL/UEM. Email:silsantos2611@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo propomos uma caracterização de atividades alternativas, a fim de contribuir com fundamentos teóricos para a inserção na Educação Física escolar. Para tanto, realizamos um recorte sobre a experiência de ensino no Brasil e no Chile com práticas corporais que não são cotidianas, mas possuem importância para a educação formal das crianças e adolescentes. Foram selecionadas: orientação, parkour, skate, escalada, e slackline. Com isso esperamos trazer um conceito mais abrangente sobre o que é atividade física alternativa e como é possível atuar pedagogicamente com esse conteúdo

As atividades físicas convencionais (também conhecidas como hegemônicas) são as que dominam o cenário da Educação Física. Basta ver o currículo do curso de Educação Física, o conteúdo das escolas, a programação dos hotéis de lazer ou a oferta nas academias. Mas elas representam um percentual pequeno frente à diversidade de esportes, danças, jogos, ginásticas e lutas que existem no mundo. Por isso, para além das atividades convencionais, é importante conhecer as atividades físicas alternativas, uma vez que elas trazem experiências diferentes de nosso cotidiano, enriquecendo-o (COLDEBELLA et al, 2004).

Segundo Oliveira (2004), apesar do interesse prioritário dos alunos pelos esportes veiculados pela mídia e há muito internalizados como sinônimos de aula de Educação Física, cabe ao docente apresentar novos conteúdos. Para o autor, os alunos precisam acessar práticas que não conhecem até mesmo como uma educação para estarem em constante apropriação de novas percepções e vivências.

O termo atividade física alternativa é polissêmico. Isso significa que existem diferentes significados para essa palavra. Em geral, o termo alternativo é utilizado em três usos:

- 1) uma atividade diferente para variar a atividade rotineira;
- 2) Uma opção para ampliar as possibilidades de escolha;
- 3) Algo que vem para substituir a atividade convencional.

Enfim, alternativo pode significar variação frente à rotina, diversificação de opções ou mesmo resistência à hegemonia.

Mas, no caso do termo atividade física alternativa na Educação Física, a polissemia pode ser ainda maior por causa da quantidade de práticas que recebem essa classificação. São chamadas de atividades alternativas as ginásticas orientais (como Chi Kung, Tai Chi, Shiatsu), os esportes adaptados, as práticas tradicionais pouco praticadas (como peteca, corrida de toras, samba de roda) e até os esportes de aventura.

Logo, dois professores/profissionais de Educação Física, por exemplo, podem dizer que aplicam atividades físicas alternativas e estarem fazendo coisas totalmente opostas. E, para aumentar a complexidade, sabemos que alternativo é um adjetivo relativo, pois depende necessariamente do que é tradicional e dominante em cada realidade. Um exemplo é o futsal, prática convencional (ao menos para pessoas do sexo masculino) no Brasil, mas uma atividade alternativa no Chile, onde esse esporte não é comum e quase não é ensinado nas escolas. Assim sendo, nos propusemos a mostrar seis caminhos pelos quais uma atividade pode ser considerada alternativa, que são:

I – Filosófico – O primeiro uso para o termo Atividade física alternativa foi para agrupar práticas corporais que possuíam uma filosofia diferente e até contrária das atividades físicas convencionais (esportes, danças, jogos e ginásticas). Nesse sentido, atividade física alternativa responde pela necessidade de aliar movimento e pensamento. As atividades físicas alternativas mais conhecidas são: antiginástica, eutonia e ioga. Assim, quem buscava essas alternativas não estava satisfeito com as opções convencionais e queria alternar (mudar) o que fazia e o próprio estilo de vida de forma crítica e radical.

II – Pedagógico – O segundo entendimento é que são alternativas todas as adaptações feitas nas práticas institucionalizadas. Esse entendimento é comum, por exemplo, nos esportes adaptados às pessoas com necessidades especiais. Assim, se um aluno não consegue praticar algum esporte, ele não será excluído. O professor vai criar uma alternativa, adaptando o esporte às necessidades do aluno. Como a regra internacional do esporte exige que a modalidade seja praticada de uma forma só, quando o professor muda esse esporte para atender às especificidades de seus estudantes, ele está, de certa forma, criando um novo esporte a partir da versão oficial. Logo, é atividade física alternativa toda aquela que é adaptada diferente da forma convencional.

III – Étnico – Um terceiro entendimento é que são alternativas todas as atividades físicas que não são comuns na nossa cultura corporal de movimento. Assim, no Brasil são comuns danças em ritmos como samba, sertanejo e forró. Mas, na escola, o professor pode propor um festival de danças alternativas, comuns em outros países. Alternativo, portanto, também pode ser o que não é usual em nossa cultura, mas é comum para outra etnia. Imagine a possibilidade do professor de ritmos na academia sugerir a kabuki buyo ou o kamigata-mai, danças tradicionais japonesas, como atividade física alternativa para a parte de volta à calma ou relaxamento depois de 1 hora de axé.

IV – Ecológico – Outro entendimento diz respeito ao ambiente da prática. Nesse caso, uma atividade física alternativa depende do lugar em que ocorre. Nadar na piscina é convencional, mas nadar em lagos e rios pode ser alternativo. Com a importância crescente da ecologia e a valorização de vivermos mais próximos da natureza, a Educação Física tem ampliado as práticas em ambiente natural. Não é mais incomum, por exemplo, que um personaltrainer faça a parte da corrida em trilhas ao invés de seus clientes correrem só em pistas e asfalto.

V – Societal – O quinto uso do termo atividade física alternativa diz respeito ao modo de sociabilização na prática. Os jogos cooperativos, por exemplo, são uma modalidade de jogos que não visam a competição entre as pessoas. Eles são organizados para que todos ganhem juntos, trabalhando em equipe. Nas atividades físicas convencionais o modo normal é que as pessoas disputem entre si e tenham vencedores e perdedores. Toda prática que não trabalha nessa lógica é socialmente alternativa porque produz formas diferentes das pessoas se relacionarem durante a atividade física. O tchoukball é um esporte alternativo que, em um sentido ético, pretende uma crítica à competitividade e a promoção da paz. Também, nesse sentido, atividade física alternativa significa fazer algo diferente, saindo da rotina.

VI – Estético – Por fim, também podemos ver que a atividade física alternativa significa, em muitos momentos, um estilo de vida diferente. Nesse caso, não só a prática é alternativa ao convencional. A vestimenta, a música, a arte e a linguagem também são alternativas. Um exemplo é a dança hip hop. Ela é uma das danças mais praticadas entre os jovens, como diferencial às danças tradicionais, mais comuns entre adultos. Mas, para muitos praticantes, não é apenas uma dança. O

gosto estético de quem pratica o hip hop cria uma identidade na moda, no estilo musical e até na arte, como é o caso do grafite. Sem dúvida, há atividades físicas alternativas que atraem estilos de vida fora do padrão.

Apesar dessas diferentes visões, em todas elas, atividade física alternativa significa uma forma organizada de se movimentar que proporciona a sensação de experiências novas e diferentes da atividade convencional. Vale repetir que aquilo que é alternativo depende do tempo e do lugar. Enquanto na Índia o yoga é tradicional e praticada em todo lugar, aqui no Brasil ainda é uma atividade física alternativa, pois ainda não é comum em clubes, escolas e academias.

Por fim, em toda relação de saber-sabor-poder, algumas práticas se tornam convencionais e outras são alternativas a elas. Todavia, ainda poderíamos falar do campo não-usual de práticas corporais, comumente adjetivadas de bizarras. O próprio Guinness World Records (2005) possui um catálogo dos melhores recordes mundiais de esportes bizarros. Neles se incluem competições de matar mosquitos (Finlândia), corrida de galochas (Nova Zelândia), mergulho em pântano (Reino Unido), arremesso de ferradura (EUA) e pólo com elefantes (Nepal). O que é alternativo ainda possui uma tolerância da sociedade, mas certas práticas podem sofrer rejeição por não se adequarem às normas dominantes. Em geral, além da dimensão bizarra, a presença exacerbada de sexualidade e risco são elementos para uma atividade ser considerada desviante (PIMENTEL, 2010).

Supomos que muitos professores de Educação Física já tiveram uma proposta recusada nestes termos. De um lado temos o sim (convencional) e de outro o não (desviante) com um talvez (alternativo) no meio. As atividades alternativas representam o que é negociável e, portanto, a grande possibilidade de inovação cultural escolar em termos de conteúdo. E neste tocante, entendemos que as práticas corporais de aventura, no tempo presente, são uma possibilidade de maior participar do alternativo ao conteúdo tradicional na escola.

As atividades de aventura, como componente curricular inovador dentro da área da Educação Física escolar, podem ampliar quantitativa e qualitativamente as vivências dos educandos, e assim possibilitar experiências práticas que conduzirão à aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens, interligados com a importante abordagem das questões ligadas ao meio ambiente natural. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013).

Na ótica de Franco (2010), as atividades de aventura acrescentam e somam com o conhecimento escolar, da educação física, cujas vivências proporcionam sensações e experiências que atingem o jovem estudante de forma emocionalmente significativa, mesmo quando práticas adaptadas às estruturas escolares.

Na verdade, esses temas quando abraçados por um profissional que planeja e pensa o seu trabalho rompem com a lógica do “rola bola”, ainda tão recorrente na educação física (DARIDO, RANGEL, 2011).

A Educação Física escolar deve continuar trabalhando com seus conteúdos tradicionais, como a dança, a ginástica, o esporte, as lutas. Pode, além disso, incluir as práticas corporais de aventura na natureza como parte da experiência pedagógica contribuindo com uma formação humana mais ampliada, tematizando questões fundamentais frente à crise socioambiental. (INÁCIO, 2009).

A conexão dessas experiências de aventura aos objetivos educacionais do sistema escolar pode favorecer o desenvolvimento humano em seus diversos aspectos, por envolverem processos pedagógicos específicos catalisadores de "competências cognitivas, psicomotoras e socioafetivas, sendo capazes de fomentar novas atitudes de espectro interdisciplinar (MARINHO; SCHWARTZ, 2005).

2 MATERIAIS E MÉTODO

Este é um estudo de caso comparativo de dois projetos de extensão que focam a educação e as atividades de aventura como alternativas à promoção da cultura corporal de movimento. Os projetos estão ocorrendo em duas universidades da América do Sul, às quais são conveniadas entre si: Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Universidad Católica delMaule (UCM). Na primeira realidade o enfoque é dado na educação para o lazer por meio de atividades de aventura enquanto o estudo de caso chileno prioriza e sensibilização ambiental.

A partir das atividades alternativas propostas em ambos projetos, selecionamos skate, parkour, orientação, slackline e escalada como objetos para ilustrar nossa análise. Também tomamos entre os resultados realizar uma caracterização sintética dos projetos que configuram o estudo de caso.

3 Desenvolvimento

3.1-Ocorrência das modalidades de aventura como atividades alternativas

A inserção de modalidades de aventura em Maringá veio com a idéia de reagir frente aos dados (PIMENTEL e SAITO, 2010) sobre como parcela da população se via excluída do aprendizado de atividades de aventura. Eram especialmente, pobres, obesos e mulheres. A partir dessa demanda, em 2011 foi elaborado um projeto de extensão que atendia escolares em horário de contraturno e fora do espaço escolar. Foram necessárias pesquisas no Grupo de Estudos do Lazer (GEL) sobre como ensinar skate, escalada esportiva, parkour e slackline, pois se tratavam de práticas corporais não-usuais na formação em Educação Física. Essas alternativas foram vistas como forma de ampliar o universo cultural de quem não tinha acesso a essas práticas por causa de barreiras metodológicas, de gênero ou econômicas.

Desde de 2015 o projeto Escola de Aventuras passou a ocorrer no ambiente escolar, nos primeiros anos do ensino fundamental. Primeiro, seguindo sua condição de alternativa, o projeto era oferecido três vezes por semana para crianças interessadas e após as aulas. Por sugestão da direção da escola, as aulas passaram a ocorrer na condição de tema gerador da aprendizagem, para todos os alunos, dentro da grade escolar, uma aula por semana. O conteúdo específico sobre aventura, conforme cada ano, era ofertado junto ao conteúdo das disciplinas que cediam a aula (Matemática, Linguagem, Artes, História e Geografia).

Já em Talca, a UCM realiza seleção anual de projetos de extensão que abordem temáticas e problemáticas regionais e que se façam intervenções efetivas desde os conhecimentos de cada unidade. Estes projetos estão abertos para ser postulados por acadêmicos e/ou estudantes. No Departamento de Ciências da Atividade Física da UCM (DECAF), uma das atividades de extensão mais relevantes, é a participação dos estudantes nos processos de práticas temporárias, que são aproximações ao contexto educativo na qual têm a possibilidade de conhecer desde o primeiro ano de estudos, a realidade estrutural e dinâmica dos processos educativos num ambiente real e concreto. Anualmente, a unidade conta com aproximadamente 300 estudantes nesse processo, os que distribuídos em duplas atendem ao redor de 4000 escolares da região.

Existe dentro do avanço curricular de formação, a possibilidade de cursar disciplinas de aprofundamento que também têm processos de práticas com escolares. Neste caso, o curso de menção de atividades em contato com a natureza está orientado à utilização dos espaços naturais para o desenvolvimento dos processos educativos além do resgate do patrimônio natural, cultural e histórico dos espaços, principalmente regionais. Dentro das atividades próprias e que estão relacionadas com a extensão acadêmica, os estudantes devem cumprir com horas de prática nas escolas públicas onde apresentam todos os conhecimentos adquiridos durante sua participação do curso, além de promover atividades abertas à comunidade. Dentro destas ações é possível elencar, 1. Encontro anual de Orientação Terrestre; 2. Desenvolvimento do evento “Desafio Terra do Trovão”; 3. “Travessias EcoEducativas”. Por trás disso, existe uma orientação mais profunda relacionada com a detecção de necessidades que o meio próximo apresenta.

3.2- Atuação/intervenção profissional das atividades físicas alternativas

Nesta seção iremos explorar a atuação e intervenção profissional das seguintes atividades físicas alternativas: skate, parkour, orientação, slackline e escalada. Ao realizar essas atividades na escola destacamos a importância de dominar os procedimentos técnicos e pedagógicos de cada modalidade. Isso porque o ensino dessas práticas exige procedimentos complementares de gestão dos riscos (CAVASINI; DARIDO; FRANCO, 2014).

a) Skate: um outro estilo, um novo pensar o esporte urbano

O skate está presente no cotidiano dos alunos, seja pela exposição midiática ou pela presença de colegas que praticam. Essa prática chegou a ser tomada como desviante, como, por exemplo, de sua proibição na cidade de São Paulo pelo prefeito Jânio Quadros. Era uma época em que a influência do Punk sobre o skate, motivava seus praticantes à rebeldia com os mais velhos e à contestação do poder constituído. Na atualidade, o skate foi aceito como modalidade olímpica (para os Jogos de 2020, em Tóquio) e está presente nas diferentes classes sociais, com ampla cobertura nos meios de comunicação. Ainda assim, é considerado uma atividade difícil de ser inserido na escola, seja pela falta de material ou porque o

corpo docente não possui formação. (NODA e PIMENTEL, 2015; HONORATO, 2013; CÁSSARO, 2011; UVINHA, 2001).

Na Escola de Aventuras o skate é ensinado regularmente e atende meninos e meninas igualmente. No que diz respeito à aceitação dos alunos é a prática alternativa mais sedutora. O ensino da modalidade consiste em estimular o educando a explorar as possibilidades e observar as dificuldades nessa modalidade, assim como conhecer e desafiar o equipamento skate. Assim, se costumam fazer reflexões sobre os problemas encontrados pela turma e os anseios, medos e descobertas, utilizando-se da estratégia “solução-problema”.

Do ponto de vista motor, a aprendizagem está baseada na vivência do equilíbrio e do deslocamento. O ensino de skate na Escola de Aventuras é baseado em quatro fundamentos básicos: Equilíbrio, Impulsão, Direção e Frenagem.

Em geral esses fundamentos são mais ensinados em combinações do que enfatizados de forma isolada. Na realização de manobras intermediárias ou avançadas, esses fundamentos são ajustados ao contexto. Todavia, no caso da Escola de aventuras, a perspectiva é a emancipação do aprendiz para que ele possa integrar-se ao meio sociocultural e obter autonomia sobre a aprendizagem de manobras intermediárias e avançadas. Logo, quando um aluno consegue realizar o Ollie (tirar o skate do chão) entendemos que o mesmo alcançou a primeira manobra intermediária e não necessita mais aprender técnicas no projeto.

Quanto ao ensino específico da modalidade, a ideia de sequência pedagógica, com etapas técnicas a serem seguidas não pode ser a única garantia para o ensino de uma prática corporal. O aprendiz precisa realizar a compreensão do movimento. Esse é um desafio porque ainda estamos acostumados com a ideia de uma ordem de técnicas a serem aprendidas, enquanto que o ideal é tornar o aluno proficiente por meio da integração ecológica da tarefa ao contexto.

Por outro lado, como se trata de uma atividade de aventura, que envolve riscos, é pertinente apontar uma progressão didática para seu gerenciamento a saber: I - Sentado sobre o skate: Exploração do shape, descoberta do equilíbrio com o corpo inclinado à frente, direção pelo nose; II - Em quatro apoios: equilíbrio, experiência controlada de queda, direção (linha reta e depois curvas), impulsão e freio com o pé dominante; III - Em pé, com segurança: equilíbrio estético, impulsão (remada) seguida de base, frenagem, direção; IV - Em pé, com acompanhamento:

aumento gradativo das remadas e distância, variações de freio, remada com agachamento, remada com direção.

É importante observar que três regras estão incorporadas a essa organização didática: 1) Iniciar a aprendizagem pela menor distância do corpo até o chão; 2) Nunca utilizar a mão como apoio no chão; 3) Manter o corpo equilibrado com projeção à frente, a fim de evitar a queda de costas.

Em complemento, tal planejamento situa que as aulas obedecem à uma complexidade crescente na qual a criança precisa ter papel ativo no processo de aprendizagem. Por isso mesmo, na práxis, essa sequência é apenas uma referência. Primeiro, porque cada estudante possui dificuldades particulares que exigem inclusão, supressão e até subdivisão dos estágios de aprendizagem citados no quadro acima.

O outro motivo é que os alunos não aprendem o skate apenas como um conjunto de movimentos. Como pontuam Fensterseifer e González (2007) a Educação Física não se satisfaz em fazer uma atividade, mas precisa produzir um saber a partir desse fazer, de forma complexa e crítica.

Há, conforme cada contexto, um conjunto de debates, como o uso do skate como meio de transporte alternativo, o protagonismo juvenil na esfera pública, a esportivização, a arquitetura dos skateparks, o estilo de vida, entre outros aspectos. De fato, o skate representa uma atividade alternativa em diferentes níveis, especialmente nas dimensões estética, filosófica e societal. Por isso, devemos pensar sua inserção na escola. Nem que seja, como proposto por Fraga e González (2012) como uma vivência de um dia para o aluno saber que ela existe, o que se denomina de praticar para conhecer. No caso do projeto Escola de Aventuras, as crianças aprendem para praticar em seu tempo livre, de forma autônoma.

b) Parkour: atividade física alternativa de transposição de obstáculos no meio urbano

A atividade física alternativa conhecida por “*parkour*” consiste em movimentações e/ou percursos de deslocamento e transposição de obstáculos em qualquer ambiente (PERRIÉRE e BELLE, 2014). Essa modalidade foi inspirada no Método Natural de Educação Física (desenvolvido por Georges Hébert), particularmente no treinamento militar francês “*parcoursducombattant*”(percurso dos

combatentes) (KIDDER, 2017). Foi popularizada na década de 1980 por um grupo de jovens franceses, os quais desenvolveram um meio alternativo de se apropriar do espaço urbano para fins de socialização e lazer. A expressão “*parkour*” advém do termo francês “*parcours*” que designa percurso, circuito, caminho ou rota.

O *parkour*, geralmente, é praticado em ambientes públicos referenciados pelos praticantes como “picos”, os quais equivalem à praças, parques, entre outros elementos urbanos. Essa atividade propõe transformar os equipamentos urbanos - como corrimões, bancos de parques, muros, escadas -, para fins de lazer, exposição ao desafio e ao risco ou treinamento corporal e mental (KIDDER, 2017). Logo, os adeptos modificam um ambiente aparentemente construído para uma finalidade (permitindo as pessoas ter acesso a um metrô, por exemplo) e usam em outro (saltar escadas ou corrimões para chegar mais rápido).

A movimentação do *parkour* ou “*vaults*” baseia-se em técnicas próprias utilizadas para a transposição de obstáculos – sistematizadas pelos/as praticantes precursores/as. Os movimentos são efetivados, em maioria, durante uma corrida, caracterizando o deslocamento de modo “fluido” pelo ambiente – designado por muitos praticantes como “*flow*”. Ademais, eles possuem uma denominação específica, disseminada e popularizada na língua inglesa e, por vezes, traduzida em alguns países. Dentre eles, os mais comuns são: o “*jump*”, “*big jump*” ou “*precision*” que se referem aos saltos, o “*monkey*” e “*kong*” utilizados para transpor bancos, barras, etc, o “*climb*”, o “*catleap*” e o “*wallrun*” que servem para subir muros, e o “*landing*”, “*drop*” e o “rolamento” que são técnica de aterrissagem.

Além da apropriação não usual do espaço, o *parkour* também se configura por princípios sociais e morais que, inclusive, foram inspirados pelo método natural francês. Assim, essa atividade moldou-se pelos *ethos* “*Etre fort pour être utile*” (Ser forte para ser útil) e “*Etre et durer*” (Ser e durar), sendo caracterizada pela não-competitividade, o altruísmo, a ênfase na superação individual, o uso apenas do corpo para transpor obstáculos dentro de uma rota (BELLE, 2009).

O ensino do *parkour* procede dos conhecimentos prévios existente na estrutura cognitiva do sujeito decorrente de suas vivências corporais, pois considera-se que a maioria dos movimentos da modalidade contempla um caráter instintivo já que estão baseados nas capacidades físicas dos indivíduos. Uma aula dessa atividade pode ser estruturada em dois momentos: 1º ensino de técnicas dos

movimentos isolados; 2º realização de “percurso” (agrupamento das técnicas e movimentos mediados pela corrida). Para tanto, o processo pedagógico do *parkour* integra três fundamentos básicos: 1. Observação e explicação; 2. Imitação e 3. Repetição. A observação, seguida de explicação, do movimento permite ao indivíduo compreender o movimento a ser executado. O próximo passo consiste na imitação do movimento observado e, posteriormente, cabe ao professor analisar e corrigir a execução, se necessário. Por fim, o indivíduo precisa repetir o movimento para assimilação e aprimoramento da técnica. Com os movimentos executados de forma correta e segura, torna-se viável realizar um percurso - preestabelecido ou não pelo professor - com os movimentos aprendidos.

Diante dos elementos apresentados sobre o *parkour* é possível situá-lo como uma atividade física alternativa nos âmbitos filosófico, social, ecológico e estético:

- a) é atividade física “filosoficamente” e “socialmente” alternativa devido os princípios e valores morais e sociais que integram a modalidade desde seu desenvolvimento;
- b) é atividade física “ecologicamente” alternativa em consequência do espaço de treino (meio urbano) e pela apropriação não-usual do mesmo;
- c) é atividade “esteticamente” alternativa por efeito das características da comunidade de praticantes, como a vestimenta distinta, a linguagem (denominação dos movimentos), as interações dos membros e as concepções acerca do próprio treino – tais características atribuem uma identidade à/ao praticante e à modalidade.

c-) Orientação no currículo escolar como atividade esportiva alternativa

Como foram explicadas na introdução, as denominadas atividades físicas alternativas possuem um amplo espectro de possibilidades de atuação. Existem até hoje uma quantidade importante de manifestações corporais que permitem assegurar que as atividades esportivas tradicionais que são desenvolvidas na escola estão sendo desvalorizadas pelos estudantes por quanto sua realização é permanente e por vezes repetitiva, provocando com isso um desinteresse pela prática (JARAMILLO e QUILINDO, 2006). Hoje os jovens estão em busca de novas experiências e novas sensações que lhes permitam conhecer e crescer em sua própria dimensão, e assim configurar sua concepção de mundo. A escola do século

XXI requer ações que forneçam espaços para a criação, emoção e a integração de saberes e para isso, deve ter outras ou novas bases epistemológicas para construir e gerenciar um conhecimento que não é absoluto, pelo contrário, está em permanente processo de transformação (CASTILLO e ALMONACID, 2012).

Neste sentido, as corridas de orientação como atividade física alternativa no currículo escolar se apresentam como uma possibilidade certa de se desenvolver por quanto em sua aplicação existe espaço para a criação e participação ativa do estudante e por sua vez, a possibilidade de integrar conhecimentos prévios e construir um novo conhecimento a partir da característica interdisciplinar que ela tem (PINOS, 1997).

A orientação é um esporte ao ar livre que se desenvolve habitualmente em terrenos variados com zonas de diversa vegetação. Também este se pode realizar em parques, praças e inclusive nos pátios dos estabelecimentos educacionais, que permite desenvolver atividades de iniciação e pequenas carreiras. É um esporte de navegação - onde se utiliza um mapa topográfico e uma bússola - que consiste em visitar pontos de controle marcados no mapa por um círculo que no terreno se identificam com um prisma de cor branca e laranja. Cada controle tem um código e uma pinça marcadora, a qual se usa para marcar o cartão de controle e verificar se tem passado pelo local. O corredor leva um mapa, uma listagem com a descrição dos controles e o cartão de controle.

Além de entregar a possibilidade de fazer um trabalho interdisciplinar na escola com todas as matérias do currículo, também apresenta a possibilidade de reforçar alguns conteúdos transversais como a autoconfiança, autoestima, afetividade, respeito pelo meio ambiente e por seus semelhantes, fomenta a integração e ajuda no processo de tomada de decisões e resolução de problemas.

Em termos gerais, a orientação favorece o contacto com a natureza, prevenindo o sedentarismo, doenças alusivas ao sobrepeso em escolares, favorece o desenvolvimento da concentração e a atenção em relação ao que ocorre no médio. Para Freire (2011), o principal objetivo das crianças de 7 até 12 anos é descobrir o entorno, explorar os arredores de sua moradia e sua escola, seu povo, sua região e para além, através destas atividades incorpora um entendimento intuitiva de conceitos abstratos da física, as matemáticas e o meio ambiente.

d-) Slackline: atividade física alternativa de equilíbrio

O slackline é uma prática recorrente da tentativa de equilibrar-se em cima de uma fita suspensa fixada entre duas extremidades. O objetivo principal da modalidade consiste em atravessar o percurso equilibrando-se de modo a treinar o corpo, melhorar a atenção e concentração (HEIFRICH, et al. 2012), fortalecendo a relação sujeito/natureza. A aproximação existente com o meio ambiente desperta o interesse dos alunos para outros conhecimentos.

Neste contexto, as atividades que reforcem os sentimentos de auto-estima, desafios naturais e o desenvolvimento imaginativo, são elementos úteis para auxiliar o aluno durante o seu desenvolvimento integral (CÁSSARO, 2011).

Na escola a modalidade pode ser iniciada com materiais adaptados como corda, linhas feitas com giz, linhas da quadra poliesportiva, banco sueco invertido, entre outros. Neste aspecto Betrán, Betrán (2006) pontuam que o *Slackline* é considerado uma Atividade de Aventura rica em elementos educacionais e sociais de integração, e que se caracterizam por atividades desafiadoras e com índices de motivação elevados.

Vale ressaltar que vivências corporais a partir da prática do slackline favorecerá em melhorias do equilíbrio dinâmico e do corpo num todo, pois, “brinca-se” com o centro de gravidade. Em relação à criança, além do equilíbrio estático, outras habilidades são desenvolvidas, a exemplo do equilíbrio em relação ao objeto ou material, força, resistência, agilidade, flexibilidade durante a realização dos movimentos de maneira a ser harmonioso.

As vivências corporais com o slackline em âmbito escolar são voltadas para vivências corporais colaborativas, pois, o professor fará a mediação da atividade ao mesmo tempo em que promove a autonomia nos alunos para criação de estratégias e cooperação com os colegas, subsidiando a importância do respeito ao limite do próximo.

Para além do âmbito escolar Corrêa (2008) pondera que na atualidade algumas IES já estão inserindo em seu currículo disciplinas que contemplem as atividades de aventura, meio ambiente, natureza e risco, por entender a relação existente na tríade: lazer, educação e esporte.

Desse modo, a relação existente entre a formação profissional e aplicabilidade do slackline se correlaciona com as tendências de modalidades contemporâneas que se incorporam cada vez mais à educação física, proporcionando a aquisição do conhecimento abarcando as dimensões: conceitual, atitudinal e procedimental.

A dimensão conceitual se refere ao que será ensinado, ou seja, o que o aluno deverá aprender em termos de conceitos e fatos relacionados às modalidades. A dimensão procedimental é como eu vou transmitir os conteúdos, como vou ensiná-los e como eu devo agir diante de uma situação concreta de prática de alguma modalidade, como por exemplo, ser gestor dos procedimentos de segurança e saber utilizar os equipamentos de segurança corretamente. A dimensão atitudinal “refere-se ao que se deve ser, efetivada pela atitude do indivíduo em seu meio” (PAIXÃO, p. 89, 2012). Um exemplo, ao final de uma aula, o aluno saber respeitar as limitações dele e dos outros, buscando atitudes de interação, solidariedade e companheirismo (PAIXÃO, 2012).

Para além das dimensões de ensino, não se deve negar que as práticas corporais que partem da lógica das potencialidades humanas, possibilitam melhorias nas valências físicas e no rendimento escolar. Especificamente o slackline, pode ser utilizado enquanto instrumento de prática pedagógica, não apenas na Educação Física, mas de modo interdisciplinar.

Embora pareça incoerente a interdisciplinariedade com a prática do slackline, é percebido a eficácia de “apropriações” de diferentes conhecimentos quando associado às vivências corporais de interesse do aluno, a exemplo da Proposta Político Pedagógica da Escola de Aventura coordenada pelo Grupo de Estudos do Lazer - GEL/UEM.

A Proposta se configura numa sequência de ensino progressiva para alunos do ensino básico, associada a nove aulas das quais permitirá que o aluno identifique seu eixo corporal; familiarize-se com o equipamento; tenha a percepção de diferentes formas de deslizamento sobre a fita; desloque-se pela fita; aprimore o deslocamento partindo da correção postural; seja capaz de aprimorar as passadas no slackline; inicie o processo de aprimoração do equilíbrio, bem como a tentativa de deslocamento sobre a fita sem apoio.

Posteriormente as práticas realizadas com o slackline, avalia-se o processo ensino/aprendizagem a partir da perspectiva de aprendizagem do aluno referenciando a construção do conhecimento pautado nas três dimensões já anunciadas, dando ênfase na consciência corporal e melhorias do equilíbrio num todo.

e) Escalada

Sobre a escalada, Schwartz e Silva (1999) afirmam ser uma modalidade que articula a possibilidade de se voltar à natureza como parceira, e não mais como adversária, em um jogo no qual se interage, desfrutando-se de riscos calculados, os quais constituem um fator de relevante na motivação dos educandos. A escalada poderá promover o desenvolvimento integral dos educandos nos aspectos físico, cognitivo, afetivo e social através de jogos e brincadeiras que envolvem a escalada. Também está relacionada à melhora da força concêntrica; excêntrica; isotônica; isocinética; e ao desenvolvimento de coordenação dinâmica, estática, em movimentos.

Tanto o montanhismo quanto a escalada existem desde que o homem começou a explorar a natureza, mas se confundiram com alpinismo porque a primeira grande escalada foi feita nos Alpes (PEREIRA, 2010). Chamamos de montanhismo a exploração de montanhas, caminhando ou escalando, em montanhas nevadas ou não. Só falamos em alpinismo quando nos referimos à escalada nos Alpes. Já escalar é subir montanhas, rochas, paredes, árvores ou quaisquer outros obstáculos verticais.

A escalada esportiva é um tipo específico de escalada, que se diferencia da escalada tradicional por utilizar ancoragem fixa, por isso, além de utilizar rochedos naturais, os praticantes de escalada esportiva também utilizam paredes artificiais de escalada, que podem ser ao ar livre (outdoor) ou em ambientes fechados (indoor). Às ancoragens são divididas em *top rope*, vias guiadas que pode ser em sistema único de cordas, sistema duplo e sistema twin e por fim *boulder*.

No ensino da escalada na escola a metodologia de ensino é baseada em exploração e descoberta orientada, com mediação de jogos, proporcionando ao educando a vivência da boa técnica da escalada por meio da movimentação dos membros e da mudança de peso corporal. A avaliação tem como foco principal

verificar a compreensão do educando a partir das vivências corporais do escalada e a relação em que se estabelece com os diferentes conteúdos aprendidos em sala de aula nas disciplinas do componente curricular vigente.

Também é fator avaliativo a construção psicossocial do educando, levando em consideração a capacidade cooperativa que se desenvolve a partir da prática da modalidade, interagindo com o outro e construindo o respeito mútuo para a manutenção de sua integridade física e dos colegas.

Com o acesso a parede se faz necessário um cuidado com o principal mecanismo de segurança, que é realizada pelo sistema corda, ancoragem e freio. Assim como com os equipamentos que são divididos em: Equipamentos macios (cordas, fitas e cinto cadeirinha), ferragens (mosquetões, blocantes mecânicos, aparelho de freio, polias) e de segurança (luvas e capacete). Ter acesso a uma parede de escalada e os materiais de segurança nem sempre é fácil, mas isso não impossibilita de criar atividades que possam simular e vivenciar as técnicas de escalada. Podemos utilizar o espaço em que estamos como a grade de uma cerca, desenhar pedras em uma rampa, brinquedos de um parquinho ou até mesmo uma carteira de sala de aula e é claro uma rocha ou muro. É possível desenvolver paredes de escalada feitas com materiais alternativos como pneus, cordas, canos de pvc, madeira entre outros.

Assim os objetivos das aulas de escalada na escola vão além de vivenciar novas técnicas e desenvolver novas habilidades, perpassa por encarar esse convívio com o desafio, a aventura. Querer enfrentar e superar tanto as dificuldades de explorar o ambiente quanto suas próprias limitações físicas, técnicas e emocionais.

4 CONCLUSÃO

Em síntese sobre o que abordamos em relação às concepções distintas de atividade física alternativa, podemos sugerir 06 maneiras de uma atividade ser alternativa:

1. Filosoficamente: envolve a crítica ao convencional e mudança no pensamento;
2. Pedagogicamente: engloba a adaptação do convencional à necessidade do aluno ou a busca por atividades que se adaptem ao ritmo do aluno;
3. Ecologicamente: requer a mudança para ambientes diferentes e diversificados;
4. Etnicamente: propõe conhecer diferentes culturas por meio de suas práticas corporais;
5. Socialmente: realça que a atividade física pode proporcionar formas de se conhecer e conviver diferentes das relações sociais convencionais;
6. Esteticamente: valoriza o estilo de vida de grupos, com suas práticas identitárias que agregam arte, moda e comportamento à atividade física.

Ao explorarmos duas experiências empíricas em realidades diferentes, concluímos que as atividades de aventura se configuram como alternativas ao conteúdo majoritário no contexto da Educação Física escolar. Sugerimos a introdução da experiência de aventura como uma atividade que apresenta diferentes expressões alternativas de cultura corporal de movimento, em níveis aceitáveis de gestão do risco.

REFERÊNCIAS

BELLE, D. **Parkour**. França: Entrevista, 2009.

CÁSSARO, E. R. **Atividades de aventura**: aproximações preliminares na rede municipal de ensino de Maringá. Trabalho apresentado (Especialização em Educação Física na Educação Básica)–Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

CASTILLO, F; ALMONACID, A. Las actividades en la naturaleza en la formación inicial docente: un acercamiento desde los sentidos. **Revista Educação e Pesquisa**, v.38, n. 3, p.667-681, 2012.

COLDEBELLA, A. O. C.; LORENZETTO, L. A.; COLDEBELLA, A. Práticas corporais alternativas: formação em educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n.2, p. 111-122, 2004.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: a difícil e incontornável relação teoria e prática. **Motrivivência**, v. XIX, n. 28, p. 27-37 Jul./2007.

FRAGA, A. B.; GONZALEZ, F. J. **Afazer da Educação Física na escola**: planejar, ensinar, partilhar. Edelbra, 2012.

FRANCO, L. C. P. A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola. **Anais... 5º CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura**. São Paulo: Editora Lexia, 2010.

FREIRE, H. **Educar en verde**: Ideas para acercar a niños y niñas a la naturaleza. Barcelona: Grao, 2011.

GUINNESS WORLD RECORDS. **Os melhores recordes mundiais de esportes bizarros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HONORATO, T. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 95-112, jan./mar. 2013.

JARAMILLO, L; QUILINDO, V. Paisajes, contenidos y métodos: sentidos que configuran la Educación Física como un “Siemprelomismo”. **Revista Pensamiento Educativo**, v. 38, p.154-171, 2006.

KIDDER, J. L. **Parkourandthecity**: risk, masculinity, andmeaning in a postmodernsport. United Kingdom:RutgersUniversity Press, 2017.

MARINHO, A. SCHWARTZ, G.M. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Digital**, (88). Buenos Aires. 2005.

MARINHO, A. INÁCIO, H. L. D. "Educação Física, meio ambiente e aventura: [um](#) percurso por vias instigantes." **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** 28.3 (2007).

NODA, L. M.; PIMENTEL, G. G. A. Caracterização da Prática Esportiva/Recreativa do Skate em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. **Licere**, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, 2015.

OLIVEIRA, A. A. B. Planejando a Educação Física Escolar. In: VIEIRA, J. L. L. (Org.). **Educação Física e esportes na escola**: estudos e proposições. Maringá: EDUEM, 2004, p. 25-55.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. **O instrutor de esporte de aventura no Brasil e os saberes necessários a sua atuação profissional**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**. Jundiaí: Fontoura, 2010.

PERRIÉRE, C.; BELLE, D. **Des origine à la pratique Parkour**. França: Amphora, 2014.

PIMENTEL, G. G. A.. Sobre os desvios no lazer: questões para se pensar a corrupção do lúdico. In: Larissa Michelle Lara. (Org.). **Abordagens socioculturais em educação física**.Maringá: Eduem, 2010, p. 81-112.

_____; SAITO, C. F. Caracterização da demanda potencial por atividade de aventura. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, p. 152-161, 2010.

PINOS, M. **Iniciación a los deportes enlanaturaleza**. Guíapráctica. Madrid: Gymnos, 1997.

SCHWARTZ, G. M., & SILVA, R. L. Lazer, turismo, ecologia: contribuições para uma nova atitude. *Encontro Nacional de Recreação e Lazer*, 11, 418-422, 1999.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. **A Presença de Atividades de Aventura na Educação Física Escolar**. Arquivos de Ciências do Esporte, 2012. Disponível em: <http://www.ufm.edu.br/> Acesso em: 16 de agosto de 2017.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

WEBER, da S., F. SILVA, A. M. INÁCIO, H. L. D. "A Educação Física frente a temática ambiental: alguns elementos teórico-metodológicos." **Motrivivência** 30 (2009): 44-60.